

UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE: EXPERIÊNCIAS ESTUDANTIS EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON, 2000-2010¹

Thiago Reisdorfer²

Resumo: Este artigo tem por objetivo problematizar experiências de estudantes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, na cidade de Marechal Cândido Rondon, tendo como recorte temporal o período entre 2000 e 2010. Abordo aqui um complexo conjunto de sentidos e sentimentos construídos na e a partir da memória de estudantes sobre suas vivências nesta cidade. Nas narrativas, são marcados deslocamentos sociais, culturais e geográficos significados a partir da lógica de construção de estranhamentos diversos constituídos a partir de contatos interculturais com as dinâmicas citadinas. Esse conjunto de questões é problematizado a partir da análise de entrevistas orais de sete estudantes, com base em aportes teóricos-metodológicos da História Oral, em especial os de Alessandro Portelli.

Palavras-Chave: História Oral; cidade; sociabilidades.

UNIVERSITY STUDENTS IN THE CITY: STUDENTS' EXPERIENCES IN MARECHAL CÂNDIDO RONDON, 2000-2010

Abstract: The objective of this paper is problematizing students' experiences from Universidade Estadual do Oeste do Paraná in Marechal Cândido Rondon between 2000 and 2010. It works up a complex cluster of significances and sentiments of which were built during and stating from students' memories about their experiences. Social cultural and geographic shifting could be observed in their narratives. It was possible to comprehend shifting through a different form to think and to understand the reality during the period in contact with students in the city. This paper discusses about that from analysis of seven students' oral interviews. Analysis was based on Oral History especially on Alessandro Portelli's theory and method.

Keywords: Oral History; city; sociability.

Experiências de universitários são específicas, mas construídas em contextos históricos socialmente compartilhados. Os universitários, aqui objetos de pesquisa e

¹ Este artigo teve origem em discussões construídas durante curso de mestrado no Programa de pós-graduação em História, Poder e Práticas Sociais, da Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon – PR, entre os anos de 2009 e 2011. A pesquisa contou com financiamento, através de bolsa de pesquisa, da PTI C&T/FPTI-BR.

² Mestre em História pela Universidade do Oeste do Paraná – Unioeste. Professor colaborador do curso de História da Universidade do Centro Oeste – Unicentro. E-mail: thiagorhs@hotmail.com.

análise, vivenciaram, imbricadamente, experiências cidadinas e universitárias na e a partir da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – doravante Unioeste³ – *campus* de Marechal Cândido Rondon⁴. Suas experiências são marcadas por tais espaços, produzindo identificações e tensões. Assim, pretendo discutir aqui, as diversas formas pelas quais universitários se inseriram na complexa trama de relações constituídas pelas suas vivências e experiências compartilhadas na universidade e na cidade.

Buscando construir a compreensão de experiências universitárias na cidade, esse texto foi estruturado em quatro momentos dialógicos. De início, parte-se para uma breve contextualização da cidade e da universidade, buscando localizar o leitor a respeito da historicidade do objeto a ser estudado. Segue a problematização de um primeiro movimento marcante nas narrativas dos universitários: os deslocamentos, sociais e geográficos, constituídos a partir do ingresso em um curso superior na cidade de Marechal Cândido Rondon. Parto então para a compreensão de estranhamentos construídos pelos estudantes no contato com a cidade, problematizando a ênfase dada pelos entrevistados sobre um sentido preconceituoso elaborado a seu respeito pelos cidadãos. Por último, discuto estratégias de inserção nas sociabilidades e relações de trabalho cidadinas construídas pelos universitários.

A presença da universidade na cidade não é algo que pode ser visto como “natural”, apesar de poder, num primeiro e superficial olhar, parecer algo sem conflitos. Ao falar da Unioeste em Marechal Cândido Rondon é necessário ressaltar que a mesma não deve ser tomada apenas enquanto uma instituição, mas também enquanto lugar articulador de anseios, desejos, conflitos, disputas e trocas sócio-históricas. Pensá-la apenas como uma instituição impediria que percebêssemos a historicidade das trajetórias de sujeitos que a compõem, constroem, vivenciam, disputam. A Unioeste

³ No ano de 2010, a Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon, tinha 1.677 alunos matriculados, segundo informações fornecidas pela Secretaria Acadêmica. Esse número corresponde a 3,6% da população total do município. Desses estudantes, muitos são originários de outras localidades, migrando para Marechal Cândido Rondon no intuito de cursar o ensino superior. Outros, ainda, residem nas mesmas, dirigindo-se diariamente para a universidade. Dados precisos a esse respeito não puderam ser compilados por não haver tal levantamento ou documentação que permitisse o mesmo na universidade.

⁴ Esta cidade se constituiu numa área de fronteira, margeada pelo Lago de Itaipu, situando-se enquanto polo microrregional, principalmente no âmbito de municípios que se emanciparam em meados da década de 1990, sendo eles: Mercedes, Entre Rios, Quatro Pontes e Pato Bragado. Formou-se a partir da década de 1950, com a Madeireira e Colonizadora Rio Paraná - Maripá. Sua população era formada basicamente por migrantes, em sua maioria vinda do Sul do país, sendo a ascendência alemã comum entre os mesmos. Emancipou-se politicamente em 1960. Ainda hoje se constitui como um importante centro urbano da região, importância essa devido tanto à centralidade econômica em relação aos municípios que se emanciparam, bem como, à infraestrutura urbana apresentada pela mesma como, hospitais, supermercados, indústrias geradoras de empregos, etc. Em 2010 contava, segundo dados do IBGE, com 46.528 habitantes.

aglutina em torno de si interesses de diversos grupos sociais, empresários locais, políticos das diversas esferas, profissionais ligados ao campo acadêmico, professores, técnicos administrativos, pesquisadores, bem como estudantes das mais variadas procedências e vinculações sociais. Nesse sentido, é interessante problematizar como os estudantes universitários têm constituído historicamente suas vivências calcadas na experiência citadina e na historicidade da presença da instituição neste local e no espaço regional, nos quais, e a partir dos quais, este conjunto de experiências pode ser compreendido.

“Bah cara! Foi ali que tudo mudou”: Deslocamentos socioculturais

O ingresso no ensino superior apareceu nas narrativas orais como um momento de ruptura, fortemente marcado por uma distinção entre um antes e um depois. Tal momento foi sintetizado na fala de Cristian⁵ a partir de uma expressão muito marcante: “Bah cara! Foi ali que tudo mudou” (Cristian Ludke, 2010). Dessa forma Cristian respondeu ao ser interrogado sobre os significados do momento em que ingressou na universidade. Constituiu-se ali o início de uma fala fortemente impactada pela perspectiva de transformação e de ruptura. Esse momento de mudança apareceu quase como uma fronteira, um marco que divide dois momentos distintos da vida desse jovem.

Ingressar na universidade é também realizar uma série de deslocamentos. Assim, não é apenas o ingresso no ensino superior que é atravessado por esses sentidos. No caso dos jovens cujas narrativas aqui são problematizadas, o ingresso no ensino superior significou também o deslocamento de suas casas, geralmente a casa dos pais, em direção da cidade de Marechal Cândido Rondon. Deste modo, ao responderem sobre o momento do ingresso narraram também deslocamentos territoriais e sociais.

Os deslocamentos geográficos e sociais vivenciados e narrados pelos jovens estudantes produziram em suas memórias outra gama de deslocamentos: os de sentidos. Como a memória é significada e narrada a partir do presente, os sentidos atribuídos aos eventos passados são feitos a partir da especificidade histórica do presente. (PORTELLI, 1996) O presente enquanto conjunto de temporalidades, está marcado pelos deslocamentos vivenciados no passado, que acarretaram novas leituras a respeito

⁵Cristian Jonas Lüdke, 25 anos, egresso do curso de Zootecnia. Ingressou na universidade em 2004, momento em que se mudou do distrito de São Roque, interior do município de Marechal Cândido Rondon, para sua sede. Trabalhava na época numa empresa de assistência técnica na área de Zootecnia. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 18 de março de 2010.

de tais eventos. Essas novas leituras dão margem aos referidos deslocamentos de sentidos.

As trajetórias dos estudantes foram narradas tendo por base memórias constituídas a partir desses e outros deslocamentos. Dessa forma, na própria memória se constituiu uma série de rupturas, bem como de continuidades que poderemos visualizar nas falas desses estudantes. Há ainda outra problemática que marca tais narrativas. Como todos os sujeitos entrevistados residiram em diferentes momentos, por diferentes períodos de tempo, nesta cidade, suas memórias foram marcadas também por sentidos construídos a partir desse contato. Sentidos de universitários e sentidos da população da cidade se imbricaram e se tensionaram. Tal concepção advém da noção de interculturalidade abordada por Canclini para pensar na multiplicidade de grupos sociais que formam a sociedade. As relações entre estudantes universitários e demais moradores da cidade não se dão a partir de oposições binárias. Esses grupos sociais estabeleceram entre si, de diversas formas, trocas, diálogos e disputas em todos os âmbitos da vida cidadina. É nesse sentido que penso aqui os aportes teóricos de Canclini:

Sob concepções multiculturais, admite-se a *diversidade* de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: *multiculturalidade* supõe aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. (CANCLINI, 2007; 17)

A problematização a partir da noção de interculturalidade possibilita pensar grupos sociais e os diversos elementos que os distinguem e os complementam, não a partir de uma essencialização, que poderia resultar numa oposição maniqueísta e dicotômica, mas sim a partir de seus contatos, trocas e disputas. As narrativas dos universitários se constituíram também a partir desses contatos que produzem tais trocas e disputas. Assim, sentidos compartilhados por cidadãos ou por outros universitários foram lidos, relidos e imbricados com os significados construídos por eles próprios a respeito de suas vivências na trama de relações constituídas a partir da cidade e da universidade.

Como venho afirmando, o momento de ingresso no ensino superior foi marcado por mudanças importantes vividas nessa passagem. A principal delas foi a saída da casa dos pais em direção a uma nova e, em diversos casos, desconhecida cidade. Apenas três

entrevistados, Cristian, Diego⁶ e Nicheli⁷, já haviam morado em outros lugares que não a casa dos pais. A maioria dos estudantes pesquisados, também não conhecia a cidade de Marechal Cândido Rondon, ou a conhecia de “ouvir falar”, ou mesmo através de visitas esporádicas.

Sair da casa dos pais para morar sozinho foi uma experiência forte e presente narrada nas entrevistas. Essa recorrência advém tanto de minha preocupação com esse processo enquanto perspectiva central de meu estudo, quanto da força narrativa que tais memórias possuem. Assim, todos os entrevistados, provocados ou não, comentaram esse processo. Chama a atenção uma forma de abordar esse período de passagem em suas vidas que aparece nas narrativas. Diversos entrevistados narraram o processo construindo uma memória de acréscimo de novas responsabilidades assumidas com os deslocamentos. Sair da casa dos pais significou, para muitos, o aumento de responsabilidades, quando não o surgimento inédito de muitas outras delas. Nesse sentido Nicheli expressou:

Primeiro, porque não só porque era nova. Era muito dependente. Morávamos na fazenda, então quando ia pra cidade, eu tinha sempre minha mãe pra fazer pra mim, ou comigo, sempre. Quando eu vim pra cá o primeiro choque foi isso. Mesmo em Toledo, quando eu tava com a minha família primeiro, isso já foi difícil. Porque havia horas, eu sabia que teria eles pra me ajudar. Mas havia certas decisões que eu tinha que tomar sozinha, coisa que eu nunca fazia lá em casa sem consultar o meu pai ou a minha mãe. (Nicheli Rodriguez Santos, 2009)

A estudante define sua condição anterior à universidade a partir da noção de dependência. Mudar-se para uma cidade representou uma ruptura em sua trajetória, pois foi o momento a partir do qual teve de tomar certas decisões individualmente. Tanto no caso de Nicheli, quanto no dos demais entrevistados a problemática do acréscimo de responsabilidades foi um sentido compartilhado. Nessa linha, se filia a fala de Wagner

⁶Diego Augusto Arollo Gamaro tinha 24 anos em 2009, momento da entrevista. Natural de Terra Roxa, cidade de cerca de 20 mil habitantes, localizada a cerca de 50 quilômetros de Marechal Cândido Rondon. Em 2009, cursava o quinto ano de Agronomia. Residia na cidade há cerca de seis anos, visto que havia se deslocado para a mesma no intuito de cursar o terceiro ano do ensino médio em dois colégios de Marechal Cândido Rondon. Diego cursou Agronomia na Unioeste de 2005 a 2009.

⁷Nicheli Rodriguez Santos, 20 anos, na época aluna do 3º ano do curso de História. Nicheli ingressou na universidade em 2007, deslocando-se da cidade de Toledo – PR, onde residia há um ano após ter migrado de Primavera do Leste – MT para esta cidade. Formou-se em 2010 e no ano seguinte ingressou, com bolsa, no Programa de Mestrado em História da Unioeste, *campus* de Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 30 de novembro de 2009.

da Silva⁸, que no momento da entrevista cursava o segundo ano do mestrado em Zootecnia:

Mudou assim, saindo da casa do pai e da mãe, essas coisas. Tendo mais responsabilidades, ter que administrar o dinheiro. Eu já tinha essas partes, porque assim: eu ganhava, ajudava meu pai e minha mãe, mas sempre tinha minhas coisas, comprava minhas coisas. Aí vim pra cá. Mas é um desafio porque a gente sai, vai pra uma cidade onde eu nem conhecia ninguém, não sabia onde ficava. Mas foi legal, mudou muito a minha vida, comecei a aprender a viver na realidade um pouquinho, sem a ajuda dos pais. (Wagner da Silva, 2010)

Antes de pensarmos mais profundamente na fala de Wagner é necessário fazer um importante apontamento. Há diferenças entre aqueles universitários que ingressaram no ensino superior logo após a conclusão do ensino médio, como Diego, Nicheli, entre outros, e aqueles que demoraram algum tempo para ingressar na faculdade. Dentre os entrevistados, nenhum dos que ingressaram logo após o ensino médio, na faixa etária de 17 a 18 anos, haviam exercido algum tipo de atividade remunerada por longos períodos. A única exceção foi Marina,⁹ que necessitou auxiliar nas despesas da casa após um acidente sofrido pelo pai. Já entre os jovens que ingressaram um ou mais anos após a conclusão do ensino médio, todos realizavam algum tipo de trabalho remunerado, formal ou não. Há essa diferença quando falamos no acréscimo de responsabilidades a esses jovens. Enquanto uns já trabalhavam, tinham responsabilidades financeiras e laborais relativamente definidas, outros não haviam desenvolvido essa forma de inserção social. Entretanto, para todos há uma semelhança substancial: saíram da casa dos pais para morarem em Marechal Cândido Rondon. Assim, mesmo para os que já haviam desenvolvido atividades laborais remuneradas, há a mudança nas responsabilidades.

Wagner conduziu sua fala versando sobre as novas responsabilidades financeiras adquiridas em consequência da vinda para Marechal Cândido Rondon. A saída da casa dos pais foi identificada, tal como para Nicheli, com o acréscimo de responsabilidades. No caso de Wagner há, entretanto, um deslocamento de sentido. Se a ruptura ocorreu, a intensidade que a narrativa apresentou para ela é menor, pois enfatizou que já antes do

⁸Wagner Tiago Mozart da Silva foi aluno do curso de Zootecnia da Unioeste. Natural da cidade de Xanxerê, Santa Catarina, mudou-se para Marechal Cândido Rondon em 2003, aos 21 anos de idade. Residia até 2010 na cidade, sendo casado e tendo dois filhos, nascidos durante o período da universidade. Ainda em 2010 mudou-se para a cidade de Cafelândia em busca de emprego. Cursou Zootecnia entre os anos de 2003 a 2007.

⁹ Entrevista de Marina Abrondavi, 20 anos, aluna do 3º ano do curso de Direito. Natural da cidade de Cascavel - PR, mudou-se para Marechal Cândido Rondon em meados de 2008. Estava no final do 3º ano do curso. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 26 de março de 2010.

ingresso na universidade lhe cabia uma série de responsabilidades, inclusive financeiras. Assim, o deslocamento e a entrada na universidade aprofundam responsabilidades que já possuía. Tal situação foi encarada como o momento onde passou a aprender a “viver na realidade”. Essa realidade foi identificada como uma diminuição da proteção oferecida pela casa dos pais, tanto subjetivamente pelo próprio senso de proteção, quanto materialmente. Assim, o ingresso na universidade significou também o ingresso no “mundo real”. Já não seria possível contar com a presença constante dos pais, pois seria necessário aprender a viver sozinho.

Ao analisar a passagem da juventude para a vida adulta, Saintout (2009) afirma que o acréscimo de responsabilidades, tais como, independência financeira, morar sozinho, filhos, podem ser vistos como marcos desse momento. Assim, a fala de Wagner, poder ser encarado como a narrativa do que ele identifica como uma ruptura entre a adolescência, identificada pela dependência da ajuda dos pais, e a vida adulta, identificada pelo ato de assumir diversas responsabilidades até então inexistentes. No caso dele, que já contava com responsabilidades financeiras, a ruptura foi gradual, pois apenas o distanciamento material da casa dos pais foi que fechou, ao menos na narrativa, esse processo. O ingresso na vida adulta não foi identificado nem por Wagner, nem por outros estudantes apenas pela independência, ou menor dependência, financeira em relação aos pais. A ruptura narrada pelos jovens foi também marcada por outros deslocamentos já apontados. Na fala de Diego Gamaro a mesma questão repercute:

Quando eu vim fazer faculdade eu já estava assim, um tanto quanto acostumado com esse tipo de vida. Como eu vim fazer o terceiro, eu já tinha um lugar pra ficar, já conhecia alguns amigos aqui. Claro que eles mudaram totalmente. Saí de um colégio particular, um público totalmente diferente, aí vim pra uma faculdade. Nem se compara o pessoal, os seus amigos, a convivência ali. Então eu já tinha um lugar pra ficar. Quando fui me mudar já estava tudo bem mais encaminhado. (Diego Gamaro, 2009)

Diego mudou-se para Marechal Cândido Rondon um ano antes de ingressar na universidade. Veio com o intuito de cursar o 3º ano do Ensino Médio em um dos colégios particulares. Na narrativa, desloca o momento de ruptura nas relações sociais para o período, sendo o ingresso no ensino superior, um momento “bem mais encaminhado”. Entretanto, a vinda para Marechal Cândido Rondon foi narrada a partir de estranhamentos:

Mas a primeira vez que eu vim, quando eu vim fazer o terceiro pra cá, foi um tanto quanto, vamos dizer assim, turbulento. Porque da minha família eu fui o primeiro, vamos dizer dos netos da minha vó,

dos meus primos que saiu de casa, que foi morar fora, sozinho. Sair de Terra Roxa, uma cidade de 20 mil, pra vir pra Rondon, uma cidade de 40 mil: - Bah, tô indo pra cidade grande. Aquele coloninho (risos). Aí vim pra Rondon. Mas eu não achei muitas dificuldades, achei um tanto assim bem tranquilo, a vinda pra cá, a adaptação. Claro, você sofre, a vida inteira morando em casa junto com a mãe e o pai, de repente você não tem mais a mãe e o pai do lado, acaba tomando aquele baque. Acaba tomando um choque de liberdade! Que muitas vezes você tem de manejar também, porque senão você acaba se perdendo nas curvas. Mas eu achei tranquilo, achei até que seria um pouco pior do que foi. Foi bem, bem tranquilo. (Diego Gamaro, 2009)

Várias questões emergem para a análise nessa fala. A primeira delas é a convivência de uma espécie de contradição. Logo de início afirmou que o período em que veio para cursar o ensino superior foi um período turbulento. Mais adiante, ressaltou enfaticamente que esse período foi tranquilo. A narrativa é, antes de tudo, um movimento, um constante construir-se. Por mais que a fala seja elaborada, pensada, o momento de expressá-la é único, e impõe reelaborações, ressignificações. Assim, em muitos casos, como com Diego, emerge o contraditório que remete não apenas à superfície da fala, mas à sua profundidade subjetiva. Quando se referiu ao distanciamento com a família, narrou a turbulência, dificuldades. Quando o fio narrativo foi a chegada na cidade, a ênfase passou para a tranquilidade. É importante lembrar que no momento da entrevista Diego já estava há seis anos na cidade. Tempo considerável para um jovem de 22 anos. Junto ao fato de se deslocar para outra cidade está o fato de que foi o primeiro da sua geração familiar a fazer isso. No caso de Diego, assim como nos casos já apontados, tal feito foi narrado a partir do acréscimo de responsabilidades, pois o seu desenvolver seria avaliado pelo restante da família. Assim, Diego encontra dificuldades, turbulências nas relações familiares, mas tem facilidade em se adaptar a nova cidade.

A então tranquilidade na adaptação está ligada ao fato de que vir para a cidade é algo positivado em sua fala. Quando diz: “Bah! Tô indo pra cidade grande”, seu tom de voz e sua expressão deixam transparecer o sentido que atribui para esse movimento. Ir para a “cidade grande” é talvez a possibilidade de desvencilhar-se do horizonte cultural do “coloninho”, sentido pejorativo que atribui a si mesmo, relativo ao período anterior a universidade, de cuja imagem busca se distanciar.

Marechal Cândido Rondon tem 46.819 habitantes, Terra Roxa tem cerca de 16.759. Apesar da primeira ter mais que o dobro da população a mudança não é para uma grande cidade, se pensarmos nos padrões demográficos das cidades brasileiras,

onde existe São Paulo com 11.253.503 habitantes. Na própria região Oeste do Paraná temos Toledo com 119.002 habitantes e Cascavel com 286.205¹⁰ habitantes, cidades significativamente maiores do que Marechal Cândido Rondon. Entretanto, ao se referir a ela como uma cidade grande, Diego não está pensando em padrões demográficos, mas sim num determinado sentido construído por ele a respeito de cidade. Ao mudar-se, ingressou também no ensino superior. A presença da universidade, nesse caso, é mais importante do que a demografia da cidade. Através da universidade esperava deixar de ser um “coloninho”, objetivo alcançado narrativamente pelo próprio distanciamento dessa identidade.

Deslocar-se significa não apenas chegar a um novo lugar, mas se afastar de um conjunto de sociabilidades presentes na vida dos sujeitos em suas localidades de procedência. Diego apontou a questão da responsabilidade tal qual apresentado por Wagner e Nicheli, entretanto há uma especificidade sobre essa questão. Diego aponta o “choque de liberdade”. É na relação com o conjunto de liberdades adquiridas morando longe da casa dos pais, que a responsabilidade tem de se fazer presente “porque senão você acaba se perdendo nas curvas.” O que significa “perder-se nas curvas” é diferente para cada sujeito. Para Diego:

Cara! Choque de liberdade. Na minha cidade eu era acostumado a chegar onze horas da noite em casa, minha mãe falava: - Porra, você demorou na rua, tava onde? Agora aqui, você tem sua liberdade, você tem os seus deveres, você sabe que tem de cumprir os seus deveres. Agora, você pode sair, você pode, vamos dizer, se você quiser numa véspera de prova sair e ficar a noite inteira na rua, você pode. Você sabe que no outro dia não vai se sair bem, você vai acabar se arrebatando na faculdade. (...) Fui realmente viver esse choque de liberdade quando eu entrei na faculdade mesmo. Primeiro ano é sempre aquele ano mais tranquilo, você tem menos aula, você... É tudo novo, volta a ser tudo novo, você tem os amigos da região inteira, da época do cursinho, da época do terceirão... (Diego Gamaro, 2009)

Dialogando com o passado a problemática do choque de liberdade é lida a partir do presente. A própria noção construída na narrativa de choque de liberdade só foi possível de ser narrada porque o sujeito a vivenciou, a sentiu. Tal conhecimento foi construído no diálogo com o social, experimentado em sociedade e marca a subjetividade desse sujeito. Experimentar o “choque de liberdade” foi uma experiência social, narrar esse choque foi uma experiência individual em diálogo com o contexto da produção da narrativa. Esta construção narrativa, só foi possível por terem entrado em disputa dois modos de viver, o experimentado em Terra Roxa, identificado com o

¹⁰ IBGE. Dados populacionais In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/index.php> Acesso em: 14/08/2013.

adjetivo de “coloninho”, sob a supervisão dos pais; e o experimentado em Marechal Cândido Rondon, identificado com a “cidade grande”, marcado pela ausência de vigilância e o desenvolvimento de responsabilidades próprias.

Na fala de Diego é interessante perceber como ocorre uma relativização do tempo. Segundo o *site* do curso de Agronomia da Unioeste¹¹, os anos do curso contam com 11 disciplinas em sua grade curricular. Entretanto, em sua fala, o mesmo afirma que no primeiro ano do curso há um menor número de horas-aulas. Tal relativização advém do fato de que é no 1º ano que é experimentado o “choque de liberdade”, assim tal período de tempo é identificado a partir de um maior tempo dedicado a outras atividades que não a universidade, identificada com os deveres a serem cumpridos.

Diego continua marcando sua posição com relação ao “choque de liberdade” sentido:

Quando você vai pra faculdade, você começa a conhecer gente de varias regiões, do Brasil até, porque na minha sala tem muita gente de fora. Você acaba se enturmado, e aí sim tem de tomar cuidado com o tal do choque de liberdade. Porque você vê muita gente que, vamos dizer assim, que se perdeu, que não consegue se formar nesses cinco anos, muitas meninas que engravidaram, muitos piás que agora têm filhos. Não vou dizer que isso é ruim, mas é de se pensar quando se está fazendo uma faculdade. Muitos que desistiram do curso, muitos que tiveram que pegar transferência pra voltar pra casa deles pra ficar perto dos pais. Você vê muitas coisas assim, que eu acredito que seja por esse choque de estar entrando numa realidade totalmente diferente, saindo da barra da saia da mãe. (Diego Gamaro, 2009)

A cidade não é apenas um momento de distanciamento das antigas relações sociais dos sujeitos. É também um momento de construção de novas sociabilidades. No caso de Diego, a cidade, mais do que um lugar de desencontros, de distanciamentos, é sentida como um lugar de encontros possíveis com pessoas de várias regiões. A cidade assume, nesse caso, independente de seu tamanho, uma dimensão, onde diferentes culturas e pessoas se encontram. Tais encontros possibilitam diálogos e trocas interculturais, na perspectiva já apresentada de Canclini.

Entretanto, a imbricada relação universidade/cidade é para Diego o lugar do “choque de liberdade”. O estudante buscou marcar para si um distanciamento de práticas que percebeu como improdutivas ou contraproducentes. Para tal, dialogou com sentidos historicamente construídos. Assim, narrou um distanciamento de práticas que poderiam prejudicá-lo, como uma gravidez indesejada, ou, como apontou

¹¹ Disponível em: <http://www.unioeste.br/prg/> Acessado em: 20 de agosto de 2013.

negativamente em outro momento, o uso de drogas. Na busca de uma identidade para si, se afastou de identificações pejorativas construídas no social. Assim, não deseja o rótulo de irresponsável por ter engravidado alguma garota, ou mesmo o rótulo de usuário de drogas. Utilizou-se de conceitos histórico-sociais para se definir identitariamente. Ao se distanciar do irresponsável, do usuário de drogas, construiu para si uma imagem de seriedade e sobriedade.

Na fala de Diego, o “choque de liberdade” apareceu marcado como oportunidades que surgem socialmente e que podem fazer com que jovens se distraiam das responsabilidades universitárias. Aceitar amplamente a liberdade causaria prejuízos, pois impossibilitaria que cumprissem compromissos referentes à universidade.

O caso de Wagner inspira algumas problemáticas para lidar com a fala de Diego. Wagner teve dois filhos durante o período de sua graduação. Um deles é com sua namorada, que vivia na cidade de Xanxerê (SC), sua cidade natal e lugar onde morava sua família. As questões que Wagner apontou a respeito dessa situação divergem de certas colocações de Diego:

Cara, eu não posso reclamar, porque mudou a minha vida totalmente. Eu comecei a ter mais responsabilidade, não pensar só em mim, pensar no futuro dos meus filhos, como é que ia ser, o que eu ia ter de fazer, o que eu não ia ter de fazer, sabe. Então eu comecei, posso dizer assim, os filhos vieram pra me dar uma cabeça melhor, ou uma responsabilidade maior, e foi o que me ajudou a ir tão bem na faculdade quanto eu vou hoje. Na realidade começou a mudar no pensamento, não só mais em mim, já pensando neles e como que seria a vida com eles e pra dar uma qualidade de vida boa pra eles. (Wagner Silva, 2010)

Importa apontar aqui que nenhum dos casos pode ser generalizado. Wagner disse que os filhos, se lhe trouxeram maiores responsabilidades e dedicação aos estudos, também dificultaram sua vida. Ressalta a necessidade de ter de escolher entre o que podia continuar fazendo e o que não. Ao afirmar que o nascimento dos filhos o auxiliou a aperfeiçoar seu senso de responsabilidade, Wagner dialoga com sentidos sociais constituídos historicamente. Na fala anterior de Diego é possível visualizar como é visto, por muitos, o jovem que se torna pai ou mãe. Os sentidos estão na linha da irresponsabilidade. Wagner dialoga com esses sentidos, refutando-os e contrapondo os mesmos a sua experiência histórica. Sua narrativa não pode ser generalizada, afirmando que o nascimento de filhos necessariamente aguça o senso de responsabilidade dos jovens, mas deve ser vista como uma tentativa de se afastar e se contrapor aos rótulos

sociais impostos a esses jovens. Assim, o fato de ter um filho teria contribuído para a sua graduação e não o prejudicaria, como afirmava Diego.

O contraponto entre as falas é uma tentativa de problematizá-las sem excluir ou deslegitimar nenhuma. Ambas compartilham um sentido e uma noção social historicamente construída, o aumento das responsabilidades que ocorreu com o ingresso na universidade. Ambos veem tal acréscimo como relativamente benéficos. Entretanto, enquanto Diego se relaciona com a questão excluindo ou se distanciando, pelo menos na narrativa, de atitudes que considera prejudiciais à atividade universitária, Wagner se utilizou desse exemplo para contrapor preconceitos sociais vivenciados por ele.

Estranhamentos: “Se eu olho pra cidade eu não sei estudar a cidade”

Se Diego e Wagner apontam um choque de liberdade existente no processo de vinda para a cidade, Cristian, como veremos, narra tal processo através de uma noção apropriada do entrevistador - “transição” - para significá-lo. Cristian migrou de uma pequena propriedade rural de São Cristovão, interior do município de Marechal Cândido Rondon, para a cidade. Além do ingresso na universidade, deve ser pensada em sua narrativa a questão da migração do campo para a cidade. Tal processo não ocorreu apenas no caso dele, mas também nos casos de Nicheli e Tiago, a respeito do qual serão problematizadas algumas questões adiante. Durante e entrevista com Cristian solicitei a ele que falasse a respeito do período de “transição”, ou seja, o momento de chegada e experimentação na cidade. A partir daí o depoente se apropriou do conceito incorporando o mesmo em sua narrativa:

Olha... Transição... É algo assim que foi... Que nem eu te falei antes, era... É chato vir. Porque você tem um estilo de vida, você é meio que do mato e aí tem a malandragem de lá, você sabe conviver com as pessoas de lá. Cumprimentar teu vizinho, você sabe conversar em alemão com ele, você conversa com essas pessoas de uma forma. Você tem um estilo de se vestir, um estilo de conviver, é tudo uma questão tradicionalista e vem pra cidade e encontra milhões de vícios. Você vem pra cá tem um bar na tua esquina de casa, tem um shopping, tudo leva você a gastar. Têm teus amigos tudo próximo, teus amigos tão ali a dois minutos de caminhada, ou moram contigo no mesmo prédio. Tudo é motivo pra festar, parece que isso tá no psicológico da pessoa. Quando o cara não tem conhecimento, o jeito mais fácil de se esconder do conhecimento é fazendo festa, ou dormindo, ou comendo. Então não foi legal. Não consegui, acho que até hoje, me acostumar totalmente com a cidade. (Cristian Ludke, 2010)

A chegada de Cristian na cidade foi marcada pelo choque entre dois modos de vida tidos como diferentes. Seu deslocamento não implicava apenas o ingresso na universidade, mas na inserção social em uma cidade com sua historicidade própria. Nem sempre é possível construir trocas entre as subjetividades dos sujeitos que chegam à cidade e a multiplicidade de temporalidades da mesma. Assim, se estabeleceu, no caso de Cristian, um choque entre diferentes modos de vida. Em sua narrativa o estudante contrapôs seu modo de vida, identificado com o campo, e os modos de vida da cidade. Tal contraposição encontra uma problematização nas análises de Williams em *O Campo e a Cidade* (WILLIAMS, 1989). O campo seria historicamente apresentado como o lugar da integridade, da solidariedade, enquanto a cidade seria o lugar dos “vícios”. Nessa linha, Cristian, contrapôs seu modo de conversar, de viver, de se vestir, com os modos de vida da cidade. Em tal contraposição construiu sentidos pejorativos para a cidade. Na urbe, viu facilitado o acesso a diversos “vícios”, que se não define, condena. Colocar a cidade como o lugar de acesso a tais vícios é reforçar narrativamente, de algum modo, sua visão do campo como lugar idílico e ideal para se viver.

Cristian se apropriou de uma noção do entrevistador – transição – para construir sua fala a respeito de um período vivenciado. Evidenciou estranhamentos sentidos na sua relação com a cidade. Se antes, no campo, possuía os códigos de convivência necessários para se comunicar com os demais daquele meio social, agora os códigos eram estranhos a ele. Tendo dificuldade de lidar com a situação, a saída foi se esconder das possibilidades oferecidas pela cidade. Essas possibilidades, narradas como “vícios”, se inserem em lógicas com as quais não pode e não queria se envolver. Esse é o caso da lógica de consumo a qual foi identificado o primeiro conjunto de vícios, o bar e o shopping. Cristian não pode se inserir nessa lógica pela ausência de recursos financeiros que devem ser direcionados para as necessidades estudantis. Nessa lógica, ele inseriu um espaço de consumo inexistente em Marechal Cândido Rondon, qual seja, o *shopping center*. Não há, nem nunca houve um shopping, mas Cristian apontou esse lugar como um dos “vícios” apresentados pela cidade. A imagem do shopping como símbolo da cidade e da modernidade foi marcada em sua fala, porque a cidade não é apenas o concreto e asfalto, não é apenas a cidade material, mas também é uma cidade imaginada.

Tal percepção de cidade é constituída em diálogo com sentidos historicamente construídos sobre a cidade, que apontam, como já afirmava Williams (1989) para uma dicotomia entre uma cidade que é apresentada como símbolo do progresso e

modernidade, e o campo apresentado como espaço do atraso e da obsolescência. Essa leitura feita por Cristian está em consonância com as imagens construídas para o campo e a cidade descritas e problematizadas por Williams: “O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz” Ao se referir ao shopping, Cristian está identificando Marechal Cândido Rondon com uma ideia de cidade imaginada a partir de representações de outras, a cidade como o lugar do shopping, da modernidade, do consumo, do conhecimento. Ao transformar sua referência de Marechal Cândido Rondon em algo genérico, construiu uma oposição entre campo e cidade. Para isso contribuiu a própria expressão “transição” que remete a uma ideia processual de mudança entre dois lugares, ou temporalidades, distintos.

A cidade apresentou também a possibilidade de lidar com tais estranhamentos através do lazer. Foi narrado, de maneira impessoal – “quando o cara não tem conhecimento...” – a possibilidade de se esconder em festas, comida ou na cama. Tal impessoalidade remete a uma tentativa de marcar uma diferenciação entre seu lugar social, universitário, que implica certas responsabilidades, e o ócio representado pelas festas, pela comida ou pela cama. Nesse movimento narrativo de marcar seu lugar social, Cristian constrói uma imagem com a qual quer ser identificado. Tal imagem é semelhante à construída, mesmo que por outros caminhos, pelos outros universitários. Assim, tal como Diego e Wagner, Cristian reivindica para si a ideia de responsabilidade, de seriedade, em contraposição ao ócio.

Sua trajetória na cidade foi marcada por estranhamentos e aproximações, como podemos notar a seguir:

Sempre que tenho a chance tento ir pro interior e fugir um pouco da cidade, porque não me habituei totalmente a morar na cidade, não gosto de morar em cidade. Claro que facilita, tem tudo na tua mão. Mas se eu pudesse morar no interior, ou trabalhar no interior mesmo, é o que eu quero, eu acho que eu me sentiria melhor, porque são... Particularmente assim: lá é o que eu gosto de fazer, é o que eu gosto de ver, é o que eu sei ver na verdade. Se eu olho pra cidade eu não sei estudar a cidade, mas se eu olho pro mato eu sei estudar uma planta, sei o que esse animal está sentindo e tal, então é uma coisa diferente. (Cristian Ludke, 2010)

O que se depreende da fala de Cristian a respeito da ida para a cidade são estranhamentos, a percepção e o embate histórico-subjetivo de dois modos de vida. Há dois conjuntos de estranhamentos principais: “Então, foi assim, em primeiro lugar, com certeza as pessoas, em segundo lugar a questão cultural” (Cristian Ludke, 2010). Ao ser

indagado sobre o momento de transição ressaltou a falta de conhecimento da “malandragem” necessária para viver de maneira tranquila. A “malandragem” referida por Cristian são os códigos sociais necessários para a comunicação e o entendimento em sociedade. Enquanto proveniente do campo, Cristian acredita já dominar a “malandragem”, os códigos de comportamentos rurais, como falar “alemão”. O mesmo não aconteceria no meio citadino. Assim, lidar com as pessoas na cidade se torna um problema: “Ah, o mais difícil mesmo foi aprender a lidar com as pessoas. Porque a forma que eu tinha para me expressar era muito simples. O meu linguajar era muito caipirão, eu falava tudo errado, falava uns termos que a gente não... Não são coloquiais, o pessoal na cidade não utilizava.” (Cristian Ludke, 2010) No trato com as pessoas da cidade a maior dificuldade ressaltada foi o desconhecimento dos códigos de expressão. A fala assume uma posição de referência que marca identitariamente o sujeito “da cidade” e o sujeito “do campo”. Dois modos de vida que, a primeira vista, foram apresentados por Cristian como distintos, dialogam interculturalmente.

Cristian apresentou o modo como teria lidado com a falta de conhecimento dos códigos de sociabilidade:

Mas é uma coisa assim: naquela época tudo era motivo pra mim dar um soco em alguém, sabe? Porque eu não tinha, eu não sabia me defender com as palavras. Aí o pessoal tava tirando com a minha cara: - Óh, vou te dar um murro véio! Para com isso senão eu te espanco! Naquela época muito bem eu poderia fazer isso com qualquer um, porque eu era... É consequência, trabalhava que nem um cavalo, então tinha força demais. Mas foi um tempo assim, até que eu me habituei assim a conhecer, a entender o que esse pessoal estava querendo dizer, aprender a malandragem assim, foi o mais, com certeza, foi o mais difícil. (Cristian Ludke, 2010)

Como acreditava não conseguir se defender com palavras, Cristian optou pelo confronto físico, ou com a ameaça, como opção e possibilidade de defesa. Nesse momento, Cristian colocou em atuação um saber específico que atribuiu ao camponês: a força física. Detentor de grande força, resultado do trabalho braçal, Cristian pode se colocar em vantagem, mesmo que não a considere honrosa, no confronto “cabeça” versus “mãos”, tão caro para ele. Nesse momento, o enfrentamento com os estranhamentos chega ao seu ponto crítico. Na sequência foi amenizado. Cristian afirmou que esse momento foi passageiro em sua trajetória. No entanto, apesar de passageiro “foi o mais difícil”. A partir de então outras questões foram apresentadas. Uma confrontação física que talvez possa ter acontecido foi silenciada.

Após esse momento de ápice do confronto com as pessoas da cidade, Cristian narrou outros estranhamentos e conciliações. Imediatamente na sequência, o que apareceu foi a relação tranquila com o comércio local. Não há elementos na fala que expliquem de maneira objetiva essa mudança de direção. O que é possível conjecturar a partir das entrelinhas do relato é uma possível tentativa de tornar sua trajetória mais palatável e condizente com os valores que o mesmo acredita importantes depois de sua passagem ao urbano.

De qualquer modo, Cristian narra uma segunda instância de estranhamentos:

Em segundo lugar veio aqueles laços culturais. Porque aí não adianta, lá as festas eram de um jeito e aqui era totalmente diferente. Aqui tem boates, tem outros tipos de atrações. Que foi assim, até certo momento complicado, até que depois eu fui começar a entender que o mundo não é só música gauchesca e sertaneja. Aí você acaba aprendendo que pode assistir uma ópera, pode muito bem assistir uma banda de *rock and roll* tocar que também tem uma letra e essa letra conta uma história que pode fazer parte do seu país, da pátria que você defende. Então, hoje assim, eu não vejo... Claro, ainda tenho restrição a funk. Mas o resto assim sinceramente se eu puder assistir eu vou e vejo. Várias vezes assim em final de semana, eu acho que eu mudei um monte daí: - Ah, vamos pra um baile?: - Não, acho que não vou não cara, hoje tem uma apresentação aí num teatro e eu vou ficar e depois vou jantar com uns amigos. Já fiz isso várias vezes. (Cristian Ludke, 2010)

Assim, o estranhamento situado por Cristian como menos importante, visto que está em segundo lugar, teria sido superado. Dois modos de vida se chocam e estabelecem trocas. Não foi mais possível para Cristian ficar preso estritamente aos seus referenciais culturais do passado. Foi necessário o diálogo com “culturas cidadinas”. Importa notar quais são as novas práticas de Cristian: o *rock and roll*, o teatro e o restaurante são as práticas culturais que ele passa a vivenciar. Assim, a cidade é sentida como o lugar de novas experiências. Há uma ressignificação de suas práticas. Novos gostos se entrelaçam e negociam espaços em sua subjetividade. Novas identidades se constroem nessa interculturalidade. Entretanto, se o diálogo ocorre, ele não é uma via de mão única, onde o sujeito simplesmente recebe pacificamente aportes ao seu meio de vida. Cristian também marcou de maneira enfática sua posição social, ao fixar seu distanciamento com o funk. Deste modo, a interculturalidade é um diálogo, uma troca, mas também implica em disputas e, como no caso do funk, afastamentos. (CANCLINI, 2007)

A partir da fala de Cristian adentramos num campo riquíssimo das trajetórias dos universitários analisadas. Apontou alguns estranhamentos enfrentados na mudança para Marechal Cândido Rondon. Tais estranhamentos são específicos, pois foram construídos a partir da historicidade de suas vivências no período anterior à universidade. Assim, marcou estranhamentos principalmente a partir da relação entre campo e cidade. Os demais universitários marcaram, cada um a partir de sua subjetividade e historicidade, estranhamentos outros, que não necessariamente esses apontados por ele.

Ao se mudar, Diego construiu expectativas a respeito da cidade que, segundo ele, foram atendidas:

Sobre a cidade, atendeu o que me falaram. Andei pesquisando sobre a cidade, como era aqui, a questão de índice de criminalidade, a questão de tranquilidade pra você morar e acabou sendo bem o que eu imaginei, o que me falaram. Uma cidade bem tranquila, tanto que logo que eu vim pra cá eu dormia de janela aberta, de porta aberta, bem, muito tranquila. Uma cultura bem diferente da minha, lá da minha cidade, como eu já falei. Lá é a maioria paulista e aqui é mais descendentes do Sul também, mais alemães também. Bem diferente, muita coisa diferente, desde a parte de organização da cidade em si, até a infraestrutura, o comércio é bem diferente da minha cidade, mas foi o que eu esperava também. (Diego Gamaro, 2009)

Nesse sentido, a expectativa de uma cidade tranquila, sem criminalidade, teria sido atendida. Entretanto, foram essas mesmas expectativas que construíram o ponto de partida narrativo para algo presente nas falas de universitários, a diferença cultural sentida, vivenciada e narrada. Assim, quando está falando de suas expectativas imediatamente as coloca em movimento, evidenciando uma característica da cidade: a ênfase de determinados setores sociais na formação da cidade por descendentes de germânicos. Este é um campo complexo e crítico da História das relações sociais na cidade¹². Ressalto que os universitários presentes em Marechal Cândido Rondon, em diferentes quantidades, pelo menos desde a fundação da antiga Facimar¹³ em 1980, geralmente estiveram fora da escrita da história pública sobre a formação da cidade.

¹² A respeito dessa questão ver: LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

¹³ O ensino superior em Marechal Cândido Rondon surgiu em 1980, com a fundação da Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon - FACIMAR. Nesse momento, foram implantados três cursos: História, Letras e Ciências Contábeis. Em 1983, a FACIMAR foi ampliada com a inclusão dos cursos de Administração e Educação Física. Em 1994 ocorreu o processo de reconhecimento da UNIOESTE, a partir de um movimento de junção de quatro faculdades fundacionais da região, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cascavel - FECIVEL, a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu - FACISA, a Faculdade de Ciências Humanas de Toledo - FACITOL e a FACIMAR.

Tenho a clareza de que a cidade não é composta exclusivamente por descendentes de germânicos, mas também, por migrantes de diferentes procedências do país. No entanto, em diversos casos, como no de Diego, e outros neste trabalho, a cidade é percebida como de “alemães”. Diego narrou essa questão da seguinte forma:

A principal diferença é que aqui em Rondon, o pessoal puxa muito pra colonização alemã. Até o pessoal de fora fala que Rondon é um pedacinho da Alemanha aqui no Brasil. Na minha cidade não tem muito, não puxa muito numa certa direção, vamos dizer, pra alemão, pra italiano, é mais um mistão, é mais um misto de várias nacionalidades que estão misturadas ali junto. Não tem igual aqui que é mais alemão que predomina, a principal diferença é essa. Aí você vê também as pessoas, aqui tem muito alemão, e alemão tem aquele jeitão dele, se é bom ou se é ruim não cabe a mim dizer, mas tem aquele jeitão dele. Já se pegar uma colonização italiana uma coisa assim, o pessoal já é diferente, a maneira de pensar, a maneira de se tratar, você já começa a perceber algumas diferenças ali. (Diego Gamaro, 2009)

Mesmo que se referindo à fala de outras pessoas – “até o pessoal de fora fala” – caracteriza Marechal Cândido Rondon como “um pedacinho da Alemanha aqui no Brasil”. Referir-se a essa questão através da fala de outras pessoas é uma tentativa de se eximir da responsabilidade da afirmação. Se a cidade não é composta apenas por descendentes de sulistas, ao referir-se a ela, Diego a narra desse modo. Aqui importa mais a forma como a cidade é vista, sentida, do que sua real composição étnico-social. Além de sua composição, a forma como sua composição é sentida constrói significados nas memórias e narrativas do estudante.

Na mesma fala Diego se referiu ao “jeitão” do então representado como “alemão”. Não é, segundo suas palavras, sua intenção julgá-los. Entretanto, seu gestual, suas expressões, bem como a forma como tal expressão é proferida, marcam um distanciamento que caricaturiza esse grupo social com o qual Marechal Cândido Rondon é identificado. Diego, ao construir sua fala, marca um distanciamento com essa ascendência cultural. Afirma que em Terra Roxa conviveu com diferentes origens étnicas, diferentemente do quadro social encontrado na cidade.

Referir-se ao “jeitão” dos “alemães” é uma tentativa de marcar identitariamente seu lugar social, se distanciando daqueles que denomina como tais. A identidade é construída a partir da percepção e do reconhecimento do outro. Ao se distanciar desse grupo, construiu firmemente uma aproximação com outro que, em sua fala faz oposição a eles, os universitários. Assim, marcar essa posição é, mais do que exprimir uma opinião, marcar seu posicionamento identitário e a forma como quer ser reconhecido.

O estranhamento com os “alemães” que formariam a cidade, em oposição aos universitários que sofreriam da parte deles uma série de preconceitos e pressões, aparece em outras narrativas. Há entre os entrevistados um conjunto de estranhamentos com a cidade em torno dessa questão. Na tentativa de expressá-los para si próprios constroem uma dicotomia entre o nós, os universitários, e o eles, os “alemães de Rondon”. Tal dicotomia foi compartilhada por diferentes estudantes, de diferentes cursos e segmentos sociais. Vejamos o caso de Wagner:

Ah, no começo é meio ruim por causa dos alemão (risos). Agora já morreu um monte dos velhos... No começo a cidade era um pouquinho... Quando eu cheguei aqui sete anos atrás, a cidade era mais fechada assim, estudante pros alemão era um negócio mais, assim era, um exemplo assim, um pessoal mais vadio que só queria saber de festa e coisa assim. Aí foi mudando, eu fui me adaptando bem, aí o círculo de amizade vai... A gente vai começando a criar um círculo de amizade, de pessoas da cidade, da faculdade e aí começou, por aí, mas no começo foi um pouquinho difícil pra se adaptar. Que nem, eu morava numa cidade onde os mercados ficavam abertos até nove horas todo dia, final de semana e feriado até as nove e aqui em Marechal não. (Wagner da Silva, 2010)

As dificuldades enfrentadas foram divididas em dois campos: a dificuldade de ingressar na sociedade local, que era, segundo ele, “mais fechada”; e a dificuldade de se adaptar ao comércio local, a um novo modo de vida. Outros sujeitos seguiram na mesma linha. Vejamos o caso de Kleber,¹⁴ professor de História que atua em colégios particulares da região:

Quando eu cheguei em Rondon, eu sofri preconceito como boa parte das pessoas que vem de fora. Porque Marechal Cândido Rondon tem uma sociedade um pouco fechada, eu não vou dizer preconceituosa, fechada. Porque assim, até os moradores, principalmente o pessoal de mais idade 50, 60 anos de idade que não te conhecem, não sabem quem você é, você chega de fora eles querem saber quem você é. Talvez por uma certa desconfiança, um receio, demora um pouco até você se habituar. Então é difícil até arrumar emprego aqui. Por isso que você acaba fazendo um bico de garçom, fazendo digitação pra um colega que não tem tempo porque trabalha, então assim, é complicado. (Kleber Melchior, 2010)

Kleber demarcou sua relação com grupos citadinos, como uma relação marcada pelo preconceito sentido por ele de parte de tais grupos. Sua fala é semelhante a de

¹⁴ Kleber Dreicy Melchior é natural da cidade de Cascavel. No momento da entrevista era formado em História pela Unioeste, ministrando aulas como professor de diferentes colégios na região. Após a faculdade continua a residir em Marechal Candido Rondon, onde vive desde 2004. Kleber cursou História entre os anos de 2004 a 2007.

Wagner. Se define a sociedade local apenas como fechada, quando incitado a dar sua visão sobre essa situação, passa a culpabilizar a ocupação da cidade por “alemães”:

É que boa parte da colonização aqui foi feita por pessoas de origem germânica ou de descendência germânica, por conta da própria colonizadora que na época dava preferência pro pessoal dessa origem, ou que fosse germânico. Isso fez com que a cultura germânica fosse muito forte, muito arraigada aqui em Rondon, como sempre foi e todo mundo que conhece o município sabe. Não é uma generalização, mas parte dessa sociedade ainda é muito germanizada, ainda prefere os germânicos. Quando vem alguém que não é dos germânicos, essa parcela da sociedade que ainda prefere os germânicos fica com o pé atrás. Não sei se dá pra chamar de preconceito, mas, a gente percebe que demora você conseguir se habituar ao ritmo deles, porque o ritmo deles é outro, porque o sistema deles é outro. Aqui na comunidade, apesar de ser uma cidade de mais de 40 mil habitantes, a gente vê pessoas que parecem conhecer todos da cidade, falam “conheço esse, conheço aquele”. As pessoas encontram você, as pessoas de mais idade, a primeira coisa que elas te perguntam é o teu sobrenome, pra saber se você é de origem alemã ou não, se você é de descendência germânica ou não, então, isso deixa no ar, parece que deixa no ar aquela impressão de que assim ó: se não for desse clube você não participa. (Kleber Melchior, 2010)

Kleber se utilizou da posição de historiador para construir sua fala. Utiliza-se de referenciais da História para firmar sua opinião de que a culpa pela suposta divisão entre citadinos e universitários seria dos “alemães”, dos “germânicos” que teriam um modo de vida mais conservador. Ao fazê-lo, retroalimenta o discurso oficial da “colonização germânica”, retroalimentando também a divisão que vem criticando.

Ao caracterizar os citadinos, em geral, como preconceituosos para com os universitários, os estudantes trazem à tona um problema que deve ser pensado. O fato de caracterizá-los todos no mesmo grupo silencia sociabilidades diferentes construídas na cidade. Apontam possíveis fissuras nas relações entre universitários e citadinos, das quais se aproveitam para se inserir socialmente, mas as deixam de lado ao construir narrativamente um grupo social homogêneo que congregaria todos os citadinos. Deve ser pensado também que ao caracterizar os demais habitantes como “alemães”, “velhos”, “germânicos”, os estudantes estão construindo um estereótipo para esse grupo social. Como exemplo, podemos apontar a referência de Diego ao “jeitão” dos “alemães”. Tal referência é carregada de sentidos pejorativos que constroem para esse grupo social uma imagem caricata. Denominar um grupo, ou uma pessoa como “alemão” pode ter tanto o sentido positivado apregoado pelo discurso cultural oficial, de trabalhador, empreendedor, quanto o sentido pejorativo de “atrapalhado”, “teimoso”, “atrasado”. Nos casos apresentados, os universitários optam pela utilização da expressão

em seu sentido pejorativo. Ao denominá-los dessa forma não se consegue a aproximação que seria a lógica implícita da reivindicação do fim de preconceitos. O que se consegue é alimentar novamente essas estruturas de sentido preconceituosas que partiam de ambos os lados.

Ao analisarmos as falas sobre tais sentidos, vemos que sentem o alegado preconceito de formas específicas. Com o aumento da familiaridade com a cidade, e vice-versa, ocorre um rompimento gradual de tal barreira. Se a barreira não se desfaz, pois está marcada na memória, pelo menos a convivência se torna mais fácil.

Para pensarmos essa questão é importante lembrarmos o imbricamento entre eventos e significados. Portelli aponta que na história oral:

A primeira coisa que torna a História oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*. Isso não implica que a História Oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.

O único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, suma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos.(PORTELLI, 2007: 7-39)

Através da história oral é possível perceber justamente os pontos de inflexão dessas duas instâncias da subjetividade. A narrativa dos universitários a respeito dos preconceitos sentidos da parte dos cidadãos transcende a condição de significação ou evento. Seria improdutivo aqui construir ou tentar buscar uma verdade nessa situação, se haveria ou não preconceitos. O que importa aqui é que ao narrarem suas vivências na cidade, o fazem a partir da lógica de divisão e do preconceito. Dessa forma, a cidade vivida e a cidade significada, imaginada, se imbricam numa trama de sentidos impossível de ser compreendida isoladamente. Ao narrarem a cidade como um lugar dividido em partes com historicidades distintas, os universitários e os cidadãos, a universidade e o centro, constroem na narrativa e na sua própria subjetividade, a divisão. Há então, um constante esforço, consciente e/ou inconsciente, para marcar tal divisão, tal distanciamento.

O caso de Marina remete a uma outra perspectiva. “Na nossa região aqui, em volta da universidade, não é tanto assim, é mais tranquilo. Na verdade, eu acho que não tem quase esse... Mas mais assim lá pro centro e tal, eu acho que é um pouquinho mais pesado.” (Marina Abrondavi, 2010). Marina divide a cidade em duas partes, “nossa região” - que compreende uma espécie de círculo imaginário em torno do *campus* - e o “centro”, identificado como lugar dos cidadãos. Esta separação “nossa região” - “centro”, foi utilizada para demarcar os espaços de cada um desses grupos sociais. Para explicá-la é necessário discutir a sua disposição geográfica da cidade.

Marechal Cândido Rondon é formada por um quadrilátero central planejado, que compõe a região central da cidade, oficialmente falando. Este quadrilátero central comporta tanto grande parte do comércio local quanto uma significativa área residencial. No entorno da área central se localizam os bairros. O *campus* da Unioeste localiza-se numa das “esquinas” desse quadrilátero. Os universitários provenientes de outras cidades residem, em sua grande maioria, no entorno do *campus*. Este espaço é habitado tanto por universitários quanto por cidadãos – daí a afirmação de Marina de que os que vivem perto não nutrem preconceitos para com os universitários – constituindo um espaço de forte especulação imobiliária por meio da construção de casas e quitinetes para aluguel.

Interessante pensar que nessa área mais próxima do *campus* é que se concentram grande parte dos conflitos vivenciados. Esta região comporta um grande número de residências estudantis, as chamadas repúblicas. Em algumas dessas residências são comuns festas e confraternizações entre os estudantes. Quase tão comum quanto as confraternizações, são as reclamações que os cidadãos que residem na região fazem, tanto à polícia, quanto informalmente no dia-a-dia à seus vizinhos e conhecidos. Não são raras as vezes em que as festas são interrompidas e até encerradas pela polícia. Tal feito gera, comumente, revolta por parte dos participantes das festas, em sua maioria universitários. Nessa situação, há algumas problemáticas sensíveis que constantemente geram conflito. Por um lado os jovens desejam se entreter e se divertir. Numa cidade com opções de entretenimento consideradas pelos mesmos como limitadas, sentem a necessidade de criar seus próprios lazeres. Dessa forma suas casas acabam se tornando palco de festas e confraternizações. As festas regadas muitas vezes com a combinação de som alto e bebidas alcoólicas, quando não com drogas, geram em alguns casos distúrbios no local onde são realizadas. As conversas e a música alta acabam por interferir no descanso e no sono de seus vizinhos, muitos dos quais também trabalham e

não têm a disposição dos universitários de dormir tarde e manter uma rotina de trabalho de igual forma. A partir daí fazem denúncias gerando e alimentando as tensões nas relações.

Marina se utiliza desta disposição geográfica, centro/universidade, para demarcar áreas onde se sente mais à vontade, por não viver preconceitos. Tal forma de demarcar a cidade não está presente apenas na fala de Marina, mas também na de outros sujeitos. Um deles é Diego:

É como eu te falei: eu tenho menos amigos da cidade, mas também conheço bastante gente que mora aqui em Rondon, aí entra os meus amigos do tempo do cursinho, porque a maioria deles mora em Rondon. Então, esses amigos, essas amizades são preservadas. Ainda hoje, toda vez que eu vou no centro que eles tão numa festa lá, ou que eles tão aqui perto da faculdade nós nos encontramos, lembra um do outro, conversa e tal. Tem essa amizade, tem esse vínculo daquela época do terceirão ainda, mesmo não se vendo sempre, mesmo se vendo bem esporadicamente, você acaba ainda tendo esse vínculo, essas amizades. Agora, claro, eu tenho bem mais amizades na faculdade, porque eu estou sempre aqui, eu passo 24 horas por dia aqui, vou no centro esporadicamente só, então eu tenho bem mais amizades aqui do que lá no centro. Mas não deixo de ter amigos que moram lá no centro também, eu não tenho essa: - Esse é da faculdade, esse é do centro e se é do centro eu não vou falar com ele. Tanto que Rondon é uma cidade pequena, você não tem como querer, é tudo junto, misturado. (Diego Gamaro, 2009)

Diego tem amigos nas duas “regiões” da cidade, “aqui”, próximo ao *campus*, e o “centro” imaginado, que é habitado por amigos da época do cursinho, os cidadãos. Demarca, portanto, uma separação. Afirma também que devido ao tamanho da cidade é impossível haver uma divisão entre os grupos sociais que a habitam. Entretanto, no momento em que afirma que é “tudo junto, misturado”, informa uma divisão, afinal se todos fossem iguais não necessitaria marcar a mistura que ocorre.

Quando ressalto que os universitários demarcam uma divisão entre eles próprios e os cidadãos, sentido que alegam ter sido construído e alimentado pelos cidadãos, temos em vista que a cidade é um espaço diverso. O que se expressa é um tensionamento entre dois grupos imaginados e generalizados nas falas dos próprios universitários. São eles que dividem a cidade em grupos. Em suas falas aparecem o “nós”, se referindo aos universitários e o “eles”, remetendo aos cidadãos. Tal divisão binária esconde a multiplicidade de grupos sociais e suas intrincadas tramas de sociabilidades que compõem a cidade. Ao se referir ao “nós” os universitários tentam construir uma identidade que legitime suas posições. Além disso, reforçam a divisão

sentida por eles. Dividir a cidade entre “nós” e “eles” reafirma as questões que problematizávamos ao trabalhar o sentido de se referir aos cidadãos como “alemães”.

O caso de Tiago¹⁵ é muito interessante nessa perspectiva, pois outras questões, além de sua condição de universitário, põem em movimento o preconceito vivido. Tiago assim se expressa:

No começo cara, no começo eu não percebi muito, porque eu, lá de onde eu venho, o povo tem um pouco disso, o povo é mais do interior assim. Pra mim não foi tão estranho, mas foi com o tratamento com os universitários mesmo, eu achei isso mais que desumano, porque, por o povo ser mais do interior, ser mais chucro, isso eu já sabia, isso eu já sabia, só que eles têm um preconceito muito grande de parte dos universitários. Eu vejo assim, não sei, eu tendo contato assim no dia-a-dia, trabalhando na Haus e no Giovialle, com o povo de Rondon. (Tiago Orben, 2009)

Tiago se utiliza de sua origem “interiorana” para justificar a ausência de percepção do preconceito que sentiu. Vindo do interior de Verê, no Sudoeste do Paraná, não encontra num primeiro momento dificuldades para se adaptar a cidade. O sentimento de preconceito tem início com sua experiência laboral na cidade. É a partir das relações constituídas no trabalho que Tiago sente o preconceito de forma mais latente. Esse sentimento fez com que narrasse sua posição social de uma maneira interessante:

Eu vejo isso porque eles generalizam, eles falam: - Universitário só presta pra festar, pra incomodar a cidade... Nos colégios só dizem que os universitários só prestam pra incomodar e pra pedir estágio; os que alugam casas perto da faculdade falam que os universitários só estragam as casas; os que moram perto da faculdade falam que os universitários só festam. E é essa a imagem que o povo rondonense tem dos universitários: Que é aquela galera, o pessoal que não presta. E eles acabam generalizando, porque na verdade não é todo mundo que é assim. Tem, claro, lógico que tem o pessoal que vive festando de segunda a sexta, mas, a grande maioria não é assim. Você sabe, o pessoal vem aqui pra estudar mesmo. E eu vejo Marechal Cândido Rondon dividido em dois mundos, a gente vive num mundo aqui perto da Unioeste, aqui os universitários, lá o centro lá, o resto de Rondon é outro mundo, cara. E eu trabalho, parece uma viagem, mas eu trabalho no lugar aonde vem gente dos dois lugares. E ali eles tipo, eu tenho, eu acho que esse preconceito seria mais ou menos isso. (Tiago Orben, 2009)

A principal crítica de Tiago vai em direção ao fato de que os cidadãos generalizam os universitários, estereotipando-os como festeiros. Entretanto, o próprio

¹⁵Tiago Orben, 20 anos, aluno do 3º ano do curso de História. Ingressou na universidade em 2007, quando se mudou de Verê - PR para Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 16 de julho de 2009.

Tiago faz o mesmo movimento, apenas em sentido inverso. Reivindica a diferença entre os próprios universitários – “E eles acabam generalizando, porque na verdade não é todo mundo que é assim” (Tiago Orben, 2009) – mas mantém generalizações ao fazer referência aos cidadãos, imputando-lhes o preconceito e a responsabilidade pelo seu surgimento, reforçando novamente a divisão. Interessante ainda na fala de Tiago é como se posicionou socialmente na cidade. Num primeiro momento, apesar de criticar as generalizações, afirma que a vê dividida em “dois mundos”, por um lado os universitários e por outro o “povo rondonense”. Tiago se coloca num lugar especial, pois afirma estar num ponto de conexão entre os dois mundos. É a partir desse lugar que legitimou sua leitura. Relacionando-se constantemente com os dois grupos, sente ter condição de realizar afirmações a respeito das relações entre eles. Tal posicionamento é reforçado ao falar de seu ambiente de trabalho e sua função de garçom:

E o serviço de garçom é um serviço ingrato cara. Você sabe, (risos) é um serviço, ainda mais em Rondon... Eu vejo ali pelo Giovialle, não é tanto, tanto, porque na Giovialle já vai mais um pessoal mais centrado, o pessoal da Unioeste, professores, acadêmicos, que não têm tanto preconceito com os universitários. Mas quando a gente bate de frente com a sociedade rondonense, com o povo de Rondon, a gente vê uma grande diferença, eu vejo pelo menos, o pessoal aqui tem muito preconceito com os universitários. E a grande maioria que vai na Giovialle do pessoal de Rondon, que sabe que a gente é universitário: - Ó vai lá meu escravo, traz uma Coca, traz alguma coisa assim. Eu não tenho a reclamar do pessoal da Unioeste, o pessoal aqui da Unioeste é a maioria universitário e professores, mas o pessoal de fora, de fora não, de Rondon que vai lá, que é de Rondon mesmo, eles são muito grosso com nós. (Tiago Orben, 2009)

Mais uma vez Tiago ratificou a divisão que ele e outros universitários construíram dialogicamente em suas narrativas. Por um lado, os cidadãos que lançariam olhares preconceituosos sobre os universitários. Por outro, os universitários seriam vítimas do preconceito. Tal leitura não pode ser lida de maneira simplista. Dentro desses grupos, diferentes sociabilidades e posicionamentos passam por constantes construções e ressignificações. No próprio exemplo de Tiago é possível visualizar que o preconceito não está localizado apenas na sua condição de universitário, mas também nas relações de classe implícitas que são identificadas em sua fala. Como funcionário de uma empresa de serviços, num setor informal precarizado, sofre com o desdém de clientes. Há aqui dois lugares sociais imbricados compondo a visão dele sobre a situação. Por um lado sente um preconceito contra os universitários; por outro lado, exerce uma função laboral desprestigiada socialmente. Para além da divisão de grupos sociais, se impõe

uma relação de classes. Não é apenas o Tiago enquanto universitário que viveu tal situação, mas também o Tiago garçom.

Na fala, Tiago e outros estudantes exploram a noção de centro e periferia na cidade. Como pensar em centro e periferia fixos quando apenas com um rápido lançar de olhos vê-se uma singela, mas potente ressignificação dessa noção? Ora, se observarmos apenas a superfície das narrativas veremos que logo de início se cria uma nova divisão, um novo centro: a universidade; e uma nova periferia: o centro da cidade. Essa reconstrução marca um espaço imaginado para um grupo também imaginado. Estabelece-se uma nova relação com a cidade legitimando e alimentando o discurso que marca uma relação de tensão entre os cidadãos e os estudantes.

“Aprender a malandragem”: A inserção a partir das fissuras.

Os sentidos construídos pelos entrevistados são complexos. Algumas vezes contraditórios e, certamente, múltiplos. As ressignificações de suas visões a respeito da cidade são constantes. Em diferentes momentos, narram experiências traumáticas, ou experiências que julgam benéficas na sua relação com a cidade. Assim, já problematizei a forma como narraram a questão das responsabilidades que viver fora da casa de seus pais trouxe para eles. Discuti também, a forma como se relacionam com o restante da população da cidade, relação essa carregada de sentidos negativos, marcados por preconceitos, estereótipos e generalizações sentidas e refutadas.

Na multiplicidade de olhares, narrativas e historicidades da cidade aparecem não apenas estranhamentos marcando distanciamentos e disputas. Há momentos em que ocorrem conciliações entre os sujeitos e o que os mesmos definem como características próprias da cidade. Em diferentes momentos que se sentiram vítimas de preconceito, construíram pontes de contato com diferentes grupos de cidadãos.

Nas narrativas é possível perceber um movimento de conciliação nas sociabilidades na cidade. Diversos entrevistados narram que com o passar do tempo houve uma aproximação com sujeitos da cidade por diferentes motivos e meios. Um desses é Kleber: “Não sei se dá pra chamar de preconceito, mas, a gente percebe que demora você conseguir se habituar ao ritmo deles, porque o ritmo deles é outro, porque o sistema deles é outro.” (Kleber Melchior, 2010) Em sua fala, marcou a forma como enfrentou as dificuldades sentidas no trato com cidadãos. Kleber se inseriu na cidade pelas fissuras, pelas bordas. Como meio de sobrevivência, corrigia e digitava trabalhos

para colegas. Na busca por um emprego, trabalhou de garçom em um ambiente que considerava representativo do discurso germanizador dominante na cidade. Ao ser indagado sobre como havia enfrentado as dificuldades para se inserir, narrou:

Olha, eu lidei com tranquilidade. Porque eu pensei o seguinte: - Se não me quiserem para o clube, digamos assim, se não quiserem me contratar, eu vou ter que fazer de outra maneira. E eu felizmente consegui outra maneira, eu fui trabalhar de garçom em uma choperia aberta nos moldes da cultura germânica, mas que não era de propriedade de um germânico. Quem dirigia na época a choperia era um empresário que tinha vindo de Foz do Iguaçu, e era tão de fora quanto eu. Então nessa choperia acabei encontrando serviços nos fins de semana e à noite, pra poder trabalhar de garçom e sustentar o meu período de faculdade. (Kleber Melchior, 2010)

Assim, o universitário conseguiu se inserir a partir de fissuras. Uma choperia “nos moldes da cultura germânica”, de propriedade de alguém estranho a essa mesma cultura, foi a porta de entrada no mercado de trabalho informal da cidade.

Kleber teria se inserido a partir das fissuras do mercado de trabalho de Marechal Cândido Rondon. Wagner, por sua vez, narrou esse processo de forma diferente. Sua fala foi construída a partir das possibilidades de lazer construídas que possibilitaram que se aproximasse de outros grupos que não de universitários:

No começo era uma coisa mais fechada, só entre a faculdade. Aí você começa a conhecer uma pessoa que estudava com você, que mora na cidade, vai jogar futebol, tem os amigos, aí você começa a ter uma interação um pouquinho maior com o pessoal da cidade. Mas primeiro era o círculo da faculdade, dentro da faculdade, com o pessoal da faculdade, pra depois começou a sair pra fora, mais com a cidade daí. (...) Aí começaram a apresentar outras pessoas da cidade que eu fui conhecendo. Aí começou essa amizade, começou assim na maioria das vezes, ou jogando futebol, que eu gostava muito de jogar futebol. Aí comecei a jogar futebol, já fui jogar futebol na AABB, conheci bastante gente lá e aí começou a amizade da cidade. (Wagner da Silva, 2010)

Na fala de Wagner, dois processos devem ser sublinhados. Primeiro a aproximação com grupos da cidade a partir do lazer e depois, os sujeitos que o integram nessas estruturas de lazer. Se neste texto falo quase com exclusividade de universitários que vêm de outras localidades cursar o ensino superior, não é possível esquecer que a mesma é frequentada também por estudantes locais. Assim, contribuem para o processo de integração dos universitários com outros grupos sociais.

Pensar a construção da subjetividade de universitários expressadas nas narrativas, requer que pensemos nas diferentes formas de vivenciar a cidade. Cidade e

universidade não se apresentam, aos diversos estudantes, da mesma forma. Cada sujeito percebe sua inserção nesses espaços de maneira específica, assim como lerá tais ambientes a partir das especificidades de sua subjetividade. Entendo que a cidade é vivida por cada estudante a partir de sentidos sociais e historicamente construídos particulares e ao mesmo tempo múltiplos, que passarão a compor a construção de suas identidades em relação a outros referenciais.

Pensar os viveres universitários em Marechal Cândido Rondon é lidar com uma infinidade de espacialidades constituídas e constituidoras de subjetividades. Impossível pensar a cidade vivenciada e praticada sem pensar nas conexões que estabelecem com espacialidades outras que não apenas as que estão presentes dentro dos estreitos limites geográficos desta cidade. Como pensar Marechal Cândido Rondon a partir dos universitários, sem pensar trajetórias constituídas em outras espacialidades? No momento de migração não passam apenas por rupturas, mas por continuidades. Tais continuidades e rupturas são significadas pelas novidades que as especificidades de Marechal Cândido Rondon apresentam a esses sujeitos num processo intercultural.

Chegar à rodoviária de Marechal Cândido Rondon, para residir na cidade não é apenas um momento de ruptura com a vida pregressa. É também um momento de ressignificação, de reconstrução. Não é apenas movimento de desterritorialização, mas de contínua e simultânea reterritorialização. Movimento esse que passa pelos processos de desconstrução de identidades. Para além da desconstrução dessas identidades está o movimento de ressignificação das mesmas a partir das possibilidades apresentadas pelas múltiplas subjetividades presentes na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

DAYRELL, Juarez. O Jovem Como Sujeito Social. In: *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

LAVERDI, Robson. Mercantilização da Cultura e Permeabilidade do Social. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon: Ano VII, Nº. Especial. 28-29. 2º Semestre, 2006.

_____ *Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral. A Pesquisa como um Experimento em Igualdade. *PROJETO HISTÓRIA*. São Paulo: Fevereiro, 2007.

_____ A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, nº2, 1996.

_____ *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____ O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996

RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 8. Lisboa: Casa da Moeda, 1986. 396-487.

SAINTOUT, Florencia. *Jovenes: El futuro llegó hace rato*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura*. São Paulo: Cia. das Letras. 1989.

Fontes orais:

Entrevista com Cristian Jonas Lüdke, 25 anos, egresso do curso de Zootecnia. Ingressou na universidade em 2004, momento em que se mudou do distrito de São Roque, interior do município de Marechal Cândido Rondon, para sua sede. À época trabalhava numa empresa de assistência técnica na área de Zootecnia. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 18 de março de 2010.

Entrevista com Diego Augusto Arollo Gamaro, 22 anos, aluno do 5º ano de Agronomia. Ingressou na universidade em 2005, quando se deslocou do município de Terra Roxa – PR para Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 12 de maio de 2009.

Entrevista com Kleber Dreicy Melchior, 32 anos, egresso do curso de História. Ingressou na universidade em 2004, mudando-se da cidade de Cascavel para Marechal Cândido Rondon. Professor de História na rede privada de ensino em São Miguel do Iguçu. Reside em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 13 de março de 2010.

Entrevista de Marina Abrondavi, 20 anos, aluna do 3º ano do curso de Direito. Natural da cidade de Cascavel - PR, mudou-se para Marechal Cândido Rondon em meados de 2008. Estava no final do 3º ano do curso. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 26 de março de 2010.

Entrevista com Nicheli Rodrigues dos Santos, 20 anos, aluna do 3º ano do curso de História. Nicheli ingressou na universidade em 2007, deslocando-se da cidade de Toledo - PR onde residia há um ano após ter migrado de Primavera do Leste – MT para esta cidade. Formou-se em 2010 e no ano seguinte ingressou, com bolsa, no Programa de Mestrado em História da Unioeste *campus* de Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 30 de novembro de 2009.

Entrevista com Tiago Orben, 20 anos, aluno do 3º ano do curso de História. Ingressou na universidade em 2007, quando se mudou de Verê - PR para Marechal Cândido Rondon. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 16 de julho de 2009.

Entrevista com Wagner Tiago Mozart da Silva, 28 anos, egresso do curso de Zootecnia. Ingressou na universidade em 2003, quando se mudou de Xanxerê - SC para Marechal Cândido Rondon. Casado, dois filhos, concluiu seu curso de mestrado em Zootecnia no segundo semestre de 2010. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 15 de março de 2010.

Artigo recebido em 30/8/2013
Artigo aceito em 10/12/2013